

# Releitura dos espaços público e privado frente às TICS

*Re-Interpretation of public and private spaces based on ICT's*

Amélia do Carmo Sampaio Rossi\*

*Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba – PR, Brasil*

Cynthia Obladem de Almendra Freitas\*\*

*Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba – PR, Brasil*

## 1. Introdução

“A presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos nos assegura da realidade do mundo e de nós mesmos.”

*Hannah Arendt*

A relação público-privado se constitui em um debate secular que ainda hoje não alcança uma definição precisa das fronteiras que separam (ou não) estes espaços nos quais se desenvolvem, de maneira privilegiada, as relações humanas, jurídicas e os jogos de poder. As tentativas de se estabelecer a compreensão de ambos como espaços excludentes e não inter-relacionados parece não ter logrado êxito ao longo do desenvolvimento das

---

\* Doutora em Direito pela UFPR, Professora Titular de Direito Constitucional na Graduação e Pós-Graduação - Mestrado em Direitos Humanos e Políticas Públicas, da PUCPR. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Alteridade e Constituição na perspectiva das tensões contemporâneas. E-mail: amiwww.com.br@uol.com.br.

\*\* É professora Titular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná desde 1885, sendo que desde 2005 está alocada na Escola de Direito. Pesquisadora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD) da PUCPR. Membro consultor da Comissão de Inovação e Gestão da OAB/PR. E-mail: cynthia@ppgia.pucpr.br.

doutrinas que se ocupam do tema. A impressão que se fortalece é a de que, cada vez mais, estes espaços guardam uma intensa intersecção.

O renovado interesse na compreensão da relação entre estes espaços surge, especialmente, em função dos avanços tecnológicos e informáticos que virtualizaram a vida, as relações, a compreensão das esferas de poder, bem como a própria compreensão das esferas pública e privada.

Assim, emprega-se o método de pesquisa lógico-dedutivo em uma investigação de corte interdisciplinar, uma vez que transporta e dialoga com conhecimentos da área do Direito, da Filosofia e da Informática. Utilizando-se da técnica de pesquisa de documentação indireta, com ênfase no uso da pesquisa bibliográfica, o trabalho contribui para discussões sobre o tema, permitindo uma compreensão de espaços distintos entre si. Permite, porém, uma releitura que os inter-relaciona, por meio das novas tecnologias, fazendo com que os mundos jurídico e tecnológico se unam para entender a nova conformação dos espaços público e privado frente às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Nesta linha de raciocínio o artigo estabeleceu inicialmente uma diferenciação entre a esfera do público e do privado a partir do pensamento de Hannah Arendt em relação ao contexto da Antiguidade Clássica, no qual se construiu uma nítida distinção entre as duas esferas. A esfera privada diz respeito à esfera da casa, que abriga a dimensão da necessidade de se garantir a existência e o desenvolvimento físico da vida, portanto, uma dimensão de existências assimétricas, onde predomina a violência e o poder absoluto do chefe. Por outro lado, a esfera pública ou da *polis*, que aparece como uma dimensão do político, se instrumentalizou como o espaço no qual vige a liberdade entre os indivíduos, construído pela ação e pelo discurso entre iguais. Obviamente não escapa à autora que a sociedade moderna se encarregou de apagar a nitidez da diferença construída na Antiguidade, especialmente pelo desenvolvimento do individualismo atomista e da competição. A excessiva subjetivação da vida moderna contribuirá para o enfraquecimento da esfera pública e, conseqüentemente, para o enfraquecimento da vida política e da realidade compartilhada e construída entre os cidadãos.

A partir destas considerações, abre-se a possibilidade de questionar sobre a interferência das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no dimensionamento dos espaços público e privado em uma perspectiva contemporânea de vida. Vive-se a era da conexão e da mobilidade,

de modo que as novas tecnologias ressignificam a noção de distância, proximidade e mobilidade – também entre os espaços público e privado. A própria compreensão da distinção entre público e privado se altera.

Com o fenômeno da globalização, o advento da Internet e a criação do chamado ciberespaço, surge a promessa de que os indivíduos possam recuperar sua voz e atuação por meio do uso de redes sociais, o que poderia ser a esperança de reconstrução de um novo espaço público. Não obstante, a possibilidade de interação e compartilhamento de significados entre os indivíduos, que seria essencial para aquela reconstrução, parece não acontecer no uso que se faz do ciberespaço tornando-o mais próximo à ideia de Torre de Babel.

Assim, tomando por base o pensamento de Pariser<sup>1</sup>, foi necessário fazer a distinção entre capital de ligação (de cada usuário para um grupo de interesse pré-existente) e capital de ponte (do usuário para com o exterior), sendo que o capital de ponte é essencial para que as trocas de opiniões e informações entre as pessoas possam se realizar e circular, recriando o senso de público. Não obstante, o ambiente digital, marcado pela assimetria de informações, parece apontar para um desenvolvimento mais forte do capital de ligação, o que propicia mais a subjetivação da vida e a atomização do indivíduo, tal qual se passou com o advento da sociedade moderna, visto que as TICs parecem favorecer a personalização excessiva ao invés de uma possibilidade de troca e interação entre os indivíduos.

## 2. Hannah Arendt e as diferenças entre o Público e o Privado na antiguidade clássica e o obscurecimento do Espaço Público na sociedade moderna

A divisão entre a esfera pública e a privada na dimensão das cidades-estados helênicas era nítida e decisiva. A esfera da *polis* era o espaço do comum, no qual se dava a ação e o discurso desenvolvidos na política, enquanto a esfera privada significava o espaço familiar representado pela *oikia* (casa), no qual se desenvolviam as atividades próprias à manutenção da vida, marcadas pela busca da satisfação das necessidades humanas.

---

1 2012.

Como explica Arendt<sup>2</sup> a dimensão do político ao se viver em uma polis, significava que as decisões coletivas se baseavam na persuasão e uso das palavras, e nunca por meio do uso da violência. O uso da força seria para os gregos um modo pré-político de resolver as questões, típico do lar e da vida em família na qual predomina o poder e o domínio absoluto do chefe da *oikia*. A esfera do lar, portanto a esfera privada, era o espaço da necessidade, da sobrevivência e da desigualdade, o que justificaria o uso da violência para que aquela fosse alcançada, suprida. Assim, a violência “seria o ato pré-político de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade do mundo”<sup>3</sup>.

Por sua vez, a esfera da *polis*, portanto, a esfera pública, era considerada a esfera da liberdade e ser livre significava não estar sujeito às necessidades da vida nem subordinado ao comando do outro, como também implicava em não comandar, não havendo nem domínio e nem submissão. A dimensão política era assim marcada pela ideia de igualdade, no sentido de viver entre pares, mover-se em uma esfera na qual não existe governo e nem governados. Assim, ser cidadão na *polis* e nela exercer a ação política era um privilégio para poucos e que exigia a virtude da coragem, considerada a virtude política por excelência.

Para melhor compreender esta distinção traçada na antiguidade clássica, realiza-se uma abordagem específica das duas esferas até então nitidamente distintas, a fim de se poder concentrar na perda desta distinção com o advento da chamada sociedade moderna, especialmente frente às novas tecnologias que permitem informação e comunicação instantâneas. Como se verá, a sociedade moderna perde a distinção estabelecida na antiguidade, especialmente no que toca à ideia de espaço público como o espaço que privilegia a construção da cidadania por meio da interação entre os indivíduos. A esfera pública, caracterizada como a esfera da ação e do discurso – na qual se constrói a verdade por meio do compartilhamento coletivo de significados e valores – ficará cada vez mais diluída na sociedade moderna, de modo que os espaços público e privado urgem por uma releitura sob a ótica do Direito e das novas tecnologias.

---

2 2005, p. 35.

3 ARENDT, 2005, p. 40.

## 1.1 A esfera privada em contraste com a esfera pública

Para Arendt<sup>4</sup> viver uma vida inteiramente privada significa essencialmente não possuir as coisas fundamentais para uma vida realmente humana, ou seja, ser privado da realidade de não ser visto e ouvido pelos demais. A privação da presença de outros faz com que o indivíduo não se dê ao próprio conhecimento e, portanto, não exista fora de sua subjetividade. Vale somente a sua individualidade, personalizada e construída a partir de si próprio e em si mesmo. Em circunstâncias modernas essa privação de relações se manifesta, segundo a autora, no fenômeno da solidão das massas.

Assim a esfera privada aparece como a esfera que indica o lugar que o indivíduo ocupa no mundo, a medida da vida de cada um, a esfera da subjetividade que pode ser preservada do conhecimento público. Nela os homens convivem, mas não chegam a formar um organismo político. Nesta perspectiva não vige exatamente a liberdade, conforme explicado anteriormente. Nela o “ser livre” se confunde em ser forçado pela necessidade, pela própria necessidade de preservação da vida. Não obstante, a experiência privada não deixa de ser, também, uma experiência do homem ao vivenciar a sociedade.

Por outro lado, para Arendt o termo público denota dois aspectos. O primeiro é que o termo público implicaria a ideia de acessibilidade. O privado é tornado público quando dado acesso ao conhecimento de todos, o que implica poder ser visto e ouvido por todos, ou seja, é a visibilidade pública que acaba por construir a realidade na qual todos veem e ouvem sob ângulos diferentes em uma pluralidade de pontos de vista, o que acabará gerando uma verdade construída. O segundo aspecto seria a perspectiva daquilo que é comum a todos. O espaço público visto como um espaço no qual a individualidade é preservada, mas também no qual existe a possibilidade do estabelecimento do discurso, a comunicação intersubjetiva, por meio da qual se formam as opiniões e julgamentos no exercício do senso de discernimento de cada um. O discernimento entre a verdade e a mentira, o justo e o injusto a partir do senso comum produzido, construído. Note-se que espaço público, é resultado da ação conjunta e não comporta a construção e o planejamento apenas para uma geração. Ao contrário, este espaço evoca o permanente, transcendendo a duração da vida do indivi-

---

4 2005, p. 68.

duo. O espaço público só pode ser construído pela ação e pelo discurso, ambos vinculados à pluralidade da existência humana. Este é o espaço político por excelência, é neste espaço que se manifesta a potencialidade de os homens agirem em conjunto. Assim questiona-se: as novas tecnologias estão alterando estes entendimentos sobre o espaço público?

Nesta perspectiva, a perda do espaço público é absolutamente prejudicial à vida em sociedade, podendo inclusive levar ao flerte com estruturas autoritárias de condução da vida coletiva, como se verá no item seguinte.

## 1.2 A construção da sociedade moderna e a perda do espaço público como espaço do político

Para Arendt, a sociedade moderna se caracterizará pela sua despolitização, com o processo da dissolução do espaço público como o espaço do cidadão, por meio do desenvolvimento do individualismo atomista e da competição.

A comunicação intersubjetiva capaz de fazer com que, pelos traços da experiência, os homens sejam capazes de formar a sua opinião e o seu senso de julgamento por meio da compreensão e do discernimento, aparecerá comprometida nesta perspectiva. A perda do espaço público é a perda da construção de um senso comum de vida. A dimensão histórica que consegue sintetizar este fenômeno são as massas e a sua adesão às esferas totalitárias de poder. Compreensão especialmente vinculada à figura de Eichmann e à sua incapacidade de pensamento, tão bem descrita por Arendt no conceito de banalidade do mal. Conforme Telles, um segundo registro desta perda do espaço público,

[...] se dá na esfera da experiência social e diz respeito ao isolamento, enquanto forma de existência radicalmente privatizada. Neste caso, a perda do espaço público significa privação de um mundo compartilhado de significações a partir do qual a ação e a palavra de cada um podem ser reconhecidas como algo dotado de sentido e eficácia na construção de uma história comum. Suas figuras históricas são, primeiro, os judeus, enquanto párias da sociedade, e, depois, além deles, todos os que viveram o jugo do “anel de ferro” que os regimes totalitários construíram em torno de suas vidas. Finalmente, a perda do espaço público significa, agora num registro explicitamente político, a perda de um espaço reconhecido de ação e opinião, o que significa dizer, a

perda da liberdade, que exige, para a sua efetivação, um espaço politicamente organizado. Suas figuras históricas são os apátridas e todos os que perderam, nos anos da guerra e do pós-guerra, os direitos de cidadania<sup>5</sup>.

Note-se que a perda do espaço público significa também a perda da noção de realidade, na medida em que, para Arendt, esta é resultado de uma construção que se estabelece na pluralidade dos pontos de vista.

Telles prossegue considerando que Arendt localiza o perigo de se projetar na esfera pública critérios que só poderiam ter validade na experiência subjetiva, comprometendo assim o próprio juízo público. Neste senso, para impor valores e significações que não resultam de uma esfera compartilhada e construída, os seres humanos tenderão ao uso da violência:

De um lado, a perda do mundo constrói a figura do indivíduo desinteressado e desprovido de responsabilidade perante o mundo. Para esse indivíduo, o outro pouco importa e pouco conta, sua existência ou não existência não faz a menor diferença. Equivale à experiência de indivíduos que se tornaram supérfluos no mundo. E foi isso justamente que foi levado ao nível do paroxismo no terror totalitário<sup>6</sup>.

Em sua obra *Origens do Totalitarismo*, Arendt entende que o fenômeno do totalitarismo consiste também na ausência de respeito para com a capacidade de pensar, de refletir, de legislar e reger a vida. Quando a pluralidade não é compreendida, a redução do espaço público o limita a ser um espaço onde a comunicação é substituída pela propaganda totalitária, e a ausência de senso comum facilita a ideologia do terror. É o fenômeno de formação das massas, advindo do fim da sociedade de classes,

A verdade é que as massas surgiram dos fragmentos da sociedade atomizada, cuja estrutura competitiva e concomitante solidão do indivíduo eram controladas apenas quando se pertencia a uma classe. A principal característica do homem da massa não é a brutalidade nem a rudeza, mas o seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais. Vindas da sociedade do Estado-nação, que era dominada por classes cujas fissuras haviam sido cimentadas pelo

---

5 TELLES, 1990, p. 33.

6 TELLES, 1990, p. 33.

sentimento nacionalista, essas massas, no primeiro desamparo da sua existência, tenderam para um nacionalismo especialmente violento, que os líderes aceitavam por motivos puramente demagógicos, contra os seus próprios instintos e finalidades<sup>7</sup>.

As massas, o “homem de massas”, em função de sua apatia e indiferença política, se recusam a participar do espaço público, visto que não se integram em uma organização que toma por base o interesse comum. A mentalidade característica dos sistemas de massa implica o isolamento e a falta de relações sociais, na qual o homem se encontra isolado não apenas da relação com os demais, mas, também, da sua relação com a própria experiência. O fenômeno das massas impulsionará os regimes totalitários.

Nesta perspectiva, a excessiva subjetivação destrói a diferença entre o público e o privado, visto que a projeção de critérios de validade não faz referência a uma esfera compartilhada de valores e significações, devido a ausência de interação entre os indivíduos. É por isso mesmo que a violência e o autoritarismo são vias para a imposição de visões isoladas, não construídas pelo debate que estabeleceria um mundo compartilhado de significados. No espaço em que os seres humanos apenas convivem não se manifesta a liberdade, apenas a violência e a necessidade se estabelecem para orientar a conduta humana. Assim, a liberdade é específica do âmbito da política, ou seja, da esfera pública.

Cabe, então, questionar o espaço público frente às novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), uma vez que em um mundo globalizado os espaços privados e públicos parecem cada vez mais, ora com uma “Torre de Babel”, ora distantes.

### 3. O Espaço Público e novas tecnologias de informação e comunicação em um mundo globalizado

Ianni<sup>8</sup> explica as metáforas produzidas pela globalização demonstrando as profundas alterações que o mundo, o globo, hoje passa em função das mais variadas formas de interações que o movimento da globalização tem produzido na construção da “sociedade global”. Neste novo momento surgem

---

7 ARENDT, 2013, p. 285.

8 2006.



as metáforas e expressões interpretativas desta nova realidade aparecem como emblemas do novo, revelando os traços dos movimentos da sociedade global. Por exemplo, a expressão “aldeia global” que sugere que se formou uma comunidade mundial concretizada através das possibilidades de comunicação, informação e fabulação abertas pela eletrônica. Na aldeia global a informação é comercializada como mercadoria em escala mundial e a imagem prescinde da palavra. A expressão “fábrica global” sugere as transformações qualitativas e quantitativas do capitalismo, pelas quais toda economia nacional torna-se província da economia global. A reprodução ampliada do capital e a nova divisão do trabalho desenvolvem-se em escala também mundial, desconhecendo fronteiras e pervertendo as noções de tempo e espaço. A metáfora “nave espacial” sugere a travessia para o desconhecido, e nesta a dissolução e o declínio do indivíduo. A tecnificação da vida social se universaliza, generaliza-se a racionalidade formal e real inerente ao modo de operação do mercado. Na racionalidade instrumental o indivíduo se subalterniza. A metáfora da “Torre de Babel” denuncia o espaço caótico onde o indivíduo tem dificuldade de compreender o seu próprio extravio diante do mundo.

Com o avanço da tecnociência, um dos efeitos/causa da globalização, criou-se um espaço novo de interação entre indivíduos. Este espaço, no entanto, não é físico-territorial, mas sim virtual. Pierre Lévy<sup>9</sup>, ao tratar da *cibercultura* (práticas materiais, intelectuais e valores que se desenvolvem com o *ciberespaço*) define o *ciberespaço* como uma rede ou um novo meio de comunicação que propicia a interconexão mundial de computadores: “o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como seres humanos que navegam e alimentam este universo”. A transformação que este novo meio traz, em relação às formas anteriores de transmissão por meio da mídia de massa é ruptural.

Neste sentido o advento da Internet, que revolucionou os meios de comunicação criando o chamado *ciberespaço*, desenvolveu-se especialmente com a promessa de se estabelecer como um espaço de mediação da argumentação entre os indivíduos, dando-lhes autonomia para tal. A expectativa gerada apontava para o fato de que as redes sociais seriam capazes de dar acesso e visibilidade aos indivíduos, que não possuem os meios

---

9 1999, p. 15.

institucionais de comunicação, dando instrumentalidade para que os mesmos compartilhassem informações e opiniões que ampliariam as possibilidades comunicacionais e a esfera de debates. Neste sentido, cada usuário da rede mundial de computadores se transformaria em difusor de informação, podendo fazer juízo de valor sobre o fato divulgado e fomentar discussões. A discussão de determinada notícia ou informação aconteceria simultaneamente à própria difusão gerando uma instantaneidade do debate. Este potencial aumento discursivo propiciaria um aumento do pluralismo de ideias e opiniões gerando uma esfera pública digital. No entanto, é possível observar que para que ocorra uma real e concreta construção de uma esfera pública de debate é imprescindível, conforme explicitado no pensamento de Arendt, que ocorra a interação e o compartilhamento de significados entre as partes, o que parece não estar acontecendo em boa parte do uso que se faz do *ciberespaço*. Assim, a metáfora da “Torre de Babel” parece ser bastante adequada para o momento. É necessário pontuar que as redes sociais nem sempre geram a interação necessária e em algumas vezes podem gerar até mesmo a polarização de posições, manifestações de preconceitos e o próprio isolamento de ideias. É o risco de não formar pontes, conforme se entenderá a seguir.

#### 4. As TICs (re)criando ligações e pontes

Vive-se o paradigma denominado *everyware*<sup>10</sup> descrito por Greenfield<sup>11</sup>, ou seja, tudo pode ser acessado a partir de qualquer lugar e em qualquer tempo, sendo que a tecnologia é móvel e está embarcada e presente na vida de todos sem que isto seja percebido ou notado a cada momento. Portanto, a informação é o objeto deste acesso. Busca-se, veicula-se e comenta-se informação.

Neste contexto, a informação é tratada como elemento de valor que permite aos diversos programas computacionais processarem dados brutos e gerarem informação, a qual por sua vez pode ser continuamente processada conjuntamente com novos dados ou informações a ponto de se esta-

---

10 Texto original: “Ever more pervasive, ever harder to perceive, computing has leapt off desktop and insinuated itself into everyday life. Such ubiquitous information technology – “everyware” – will appear in many different contexts and take a wide variety of forms, but it will affect almost every one of us, whether we’re aware of it or not”.

11 2006, p. 9.

belecer um ciclo a partir de, para, sobre e com a informação. A atividade é sempre inclusiva, ou seja, mais e mais informações são geradas e veiculadas na sociedade contemporânea assumindo-se o bônus de uma sociedade que gira em torno da informação. Mas assume-se também o ônus do volume de informação gerado no mundo digital, no sentido de que cabe a esta mesma sociedade de informação indexar e agrupar o que é relevante.

As sociedades são múltiplas. Usufruem de vantagens advindas das TICs, mas necessitam enfrentar uma gama de problemas. Como sociedades inclusas na contemporaneidade estão: sociedade de consumo, sociedade tecnológica, sociedade de informação, sociedade informacional, sociedade de risco e sociedade sustentável, sociedade transparente, sociedade de controle e sociedade de algoritmos. Estas sociedades apresentam preocupações no que diz respeito à segurança e privacidade das pessoas, dos dados pessoais (inclusos os dados sensíveis), assumem a sensação de vulnerabilidade dos consumidores, usuários e cidadãos que navegam na Internet fazendo compras, pagando contas e estabelecendo relacionamentos, ofertam serviços *online* e coletam volumes de dados nunca antes possível ou processável sem as TICs. Além disso, estabelecem o meio ambiente digital e desafia-se diante dos riscos do uso não responsável das TICs e da premência de sustentabilidade de um modelo econômico que seja ao mesmo tempo funcional e socioambiental. Tecnologias como a computação em nuvem, computação ubíqua, computação pervasiva, computação móvel, aplicativos para celulares e *smartphones*, comunicação instantânea (SMS – *Short Message Service*, *WhatsApp*, entre outros) e redes sociais fazem parte do dia a dia.

As palavras de ordem são velocidade, mobilidade e sociabilidade. Destaca-se neste artigo a sociabilidade que, na sociedade contemporânea, se estabelece por meio das redes sociais, não como único meio, mas como principal meio. Neste contexto, a informação é o elemento mais importante e vital para a existência e também sobrevivência das redes sociais, sendo que “[...] a análise estrutural das redes sociais procura focar na interação como primado fundamental do estabelecimento das relações sociais entre os agentes humanos, que originarão as redes sociais, tanto no mundo concreto, quanto no mundo virtual”<sup>12</sup>.

Parte-se do objeto redes sociais como infraestrutura ou meio ao acesso, compartilhamento, postagem e veiculação de dados e informações. Para

---

12 RECUERO, 2005, p. 5.

tal, tem-se que as redes sociais são um meio de comunicação que aproxima e facilita o contato entre as pessoas:

As Redes Sociais representam um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. A questão central das redes é a valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas. As redes sociais são exatamente as relações entre os indivíduos na comunicação mediada por computador. Esses sistemas funcionam através da interação social, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação<sup>13</sup>.

No entanto, é importante observar que as redes sociais não somente apresentam vantagens, mas riscos. A exposição exacerbada necessita que cada vez mais se conheça o limite do privado e pessoal diante do que se torna público, uma vez que “[v]emos que há perigos bem reais do uso inconsciente deste tipo de aplicativo das redes sociais: riscos de ser furtado, excesso de exposição, reflexos negativos na vida corporativa e complicações na vida pessoal”<sup>14</sup>.

Os riscos são complexos e incluem desde os crimes de calúnia, difamação e injúria, passando pelo *cyberbullying*, furto, estelionato e invasão de dispositivo informático de outrem. Pode-se somar a esta lista o problema relacionado com a adição à Internet, ou seja, o vício por Internet e jogos digitais<sup>15</sup>. Assim a estrutura da rede social é o elemento “cuja principal característica é a exposição pública da rede dos atores, que permite mais facilmente divisar a diferença entre esse tipo de site e outras formas de comunicação mediada pelo computador”<sup>16</sup>. Tem-se um espaço que propicia a troca, mas que também, sob um olhar macro, estabelece uma confusão, tal qual uma “Torre de Babel”. E são muitos os atores neste espaço e neste tempo.

#### 4.1 Capital de ligação e capital de ponte

Partindo-se, portanto, da premissa que a informação é o objeto e o objetivo ao mesmo tempo, estabelece-se uma relação de troca, ou seja, as redes so-

13 MARTELETO, 2002, p. 72.

14 TRUZZI, 2015, p. 1.

15 ECHEBURÚA; CORRAL, 2010, p. 91.

16 RECUERO, 2005, p. 21.

ciais frente ao que os usuários têm a oferecer: seus dados. A confiança nos resultados obtidos e a lealdade em utilizar os serviços e aplicativos, fortalecem esta relação de troca e há que se entender que aqui o capital social é composto por duas categorias, quando o tema refere-se à Internet e redes sociais, a saber: o capital de “ligação” e o capital de “ponte”.

Pariser<sup>17</sup> explica que o “capital de ligação” é interno, ou seja, de cada usuário para um interesse ou grupo pré-existente. Já o “capital de ponte” é externo, do usuário com o exterior, seus contatos, amigos ou outros grupos distintos dos pré-existentes. Pariser<sup>18</sup> afirma que o “capital de ponte é poderoso”, visto que é ele que faz as pessoas circularem e acessarem grupos e redes sociais diferentes. Interessante observar, que o autor aponta que a Internet, ao contrário do que se pensava, não se tornou “uma enorme fonte de capital de ponte”, na verdade as pessoas criam mais capital de ligação do que de ponte.

O risco em não formar pontes está na constatação de Pariser<sup>19</sup> de que “... são as pontes que criam nosso senso do que é ‘público’ – o espaço em que resolvemos os problemas que transcendem nosso nicho e nossos restritos interesses pessoais.”. O não isolamento, a reflexão e o respeito somente são possibilitados a partir da existência destes dois tipos de capital: ligação e ponte. A partir disso, traz-se à discussão: Como colocar o público acima do privado se os usuários da Internet criam mais ligações do que pontes? As TICs favorecem a personalização excessiva e o não conhecer dos outros?

Para responder tais questionamentos tão importantes em tempos de discurso de ódio, violações de direitos humanos, consumismo e muitos outros problemas da sociedade contemporânea; há que se entender que a não criação de pontes diminui a vida cívica e influi na vida privada. Boyd<sup>20</sup> comentou, em sua fala na Expo Web2.0, em 2009, que as pessoas são programadas para estar atentas a temas como: conteúdo grosseiro, violento ou

---

17 2012, p. 21.

18 2012, p. 21.

19 2012, p. 21.

20 Texto original: “Consider the food equivalent. Our bodies are programmed to consume fat and sugars because they’re rare in nature. Thus, when they come around, we should grab them. In the same way, we’re biologically programmed to be attentive to things that stimulate: content that is gross, violent, or sexual and that gossip which is humiliating, embarrassing, or offensive. If we’re not careful, we’re going to develop the psychological equivalent of obesity. We’ll find ourselves consuming content that is least beneficial for ourselves or society as a whole.”

sexual, e fofocas<sup>21</sup>. Assim a autora alerta que a sociedade pode vir a sofrer de “obesidade psicológica” ao consumir conteúdos que não são benéficos nem para as pessoas nem para a sociedade. Um resultado disto pode ser observado ao se constatar que o programa de TV/Novelas mais buscado no Google, em 2017<sup>22</sup>, no Brasil, foi “BBB”, abreviatura de “Big Brother Brasil”. Fato que se repetiu em 2019<sup>23</sup>, mostrando o programa que expõe a privacidade e estimula o consumismo é o foco das atenções dos brasileiros.

Há que se ponderar também o controle que é realizado por alguns países sobre as informações e conteúdos disponibilizados na Internet. Freitas & Pamplona explicam que existem diferentes maneiras das empresas da área de TIC auxiliarem governos no que tange à violação de Direitos Humanos e ao controle do uso da Internet por seus cidadãos. As autoras citam exemplos:

Em 2005, a Microsoft foi alvo de críticas por ter censurado palavras como ‘democracia’ e ‘liberdade’ em títulos de blogs chineses, a pedido do governo. Em 2006, o Google lançou sua ferramenta de censura, denominada Google.cn, que informa o usuário quando o resultado de sua busca foi censurado e não provê os chineses de serviços como email ou blogs, para evitar o recebimento de demandas, do governo, para a entrega de dados dos usuários. A ferramenta Skype censura determinadas palavras em mensagens de texto e o faz para cumprir a legislação local, a empresa, no entanto, não informa aos usuários que pratica a censura e muito menos, qual exatamente é a política adotada<sup>24</sup>.

Neste sentido, muito além de censurar determinadas palavras, os governos querem controlar o contexto e o fluxo de informações e de atenção, tornando incômoda a busca por informações, de modo que as pessoas não busquem por elas e também que, em sendo a vigilância por parte dos governos realizada aleatoriamente, todos se sintam observados<sup>25</sup>. No que tange à vigilância, na sociedade contemporânea e informacional há que se

---

21 2009, p. 1.

22 Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/12/google-revela-os-assuntos-mais-buscados-no-brasil-em-2017.ghml>. Acesso em: 16 abr. 2020.

23 Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/yis/2019/BR/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

24 2017, p. 136.

25 PARISER, 2012, pp. 123-126.

superar a insuficiência dos principais modelos teóricos a respeito do tema, ou seja, o Panóptico de Michel Foucault, figura arquitetural idealizada por Jeremy Bentham, e o Big Brother de George Orwell, para se compreender adequadamente o problema e a atualidade da noção de vigilância líquida desenvolvida por Bauman<sup>26</sup>. Vigiar e controlar socialmente as pessoas e suas atitudes, não são preocupações teóricas de filósofos utopistas e romancistas distópicos, mas apresentam-se como uma existência no meio ambiente digital e no cotidiano das pessoas, mesmo que de modo imperceptível, pervasivo. Entende-se que as TICs possibilitam a aplicação de técnicas e mecanismos de coleta, armazenamento, processamento, classificação, aprendizagem e transmissão de dados em uma escala nunca imaginada. Bauman entende que a vigilância é uma dimensão-chave do mundo moderno, em essencial do que o autor denomina de modernidade líquida. Ou seja, vive-se uma era de relações frágeis, fluídas, voláteis, incertas e inseguras, sendo que “[a] vigilância se insinua em estado líquido”<sup>27</sup>. O autor destaca que o Panóptico “é apenas mais um modelo de vigilância”<sup>28</sup> e o modelo de controle vigente instaura hoje uma vigilância líquida que deve ser compreendida como Pós-Panóptico.

Assim a complexidade da vigilância e do controle passa despercebida pelos usuários da Internet e das TICs, sendo cada vez mais sutil e imperceptível, portanto, vigilância líquida. Assim, Bauman observa que a sociedade contemporânea se distancia do poder e da política, e, por consequência, do espaço público. Nesse sentido, o “poder agora existe num espaço global e extraterritorial” enquanto a política, “que antes ligava interesses individuais e públicos, continua local, incapaz de agir em nível planetário”<sup>29</sup>. A “fusão de formas sociais e a separação entre poder e política são duas características básicas da modernidade líquida que têm óbvia repercussão na questão da vigilância”<sup>30</sup>. Entende-se que a vigilância e o controle são favorecidos a partir do cenário em que as pessoas criam mais capital de ligação do que de ponte.

---

26 2014.

27 2014, p. 07.

28 2014, p. 13.

29 2014, p. 12.

30 2014, p. 14.

Todos esses elementos favorecem uma característica do meio ambiente digital que é a assimetria de informações. A relação de troca de dados estabelecida entre usuários e empresas da área de TIC, a exemplo das redes sociais, é naturalmente assimétrica. Os usuários fornecem dados (pessoais, ou não, e sensíveis) mesmo que não estejam atentos e não leiam na íntegra os longos e complexos Termos de Uso e Políticas de Privacidade dos serviços *online* e aplicativos que utilizam diuturnamente.

Neste sentido, este artigo toma a Internet como o lugar em que são encontrados os sujeitos em seus mais diversos modos de ações condicionados e orientados a determinados fins, sendo a Internet o lugar onde as empresas de TIC buscam captar e gerir mais e mais usuários. Eis a tecnologia aplicada, a Internet, como espaço que valida e reforça o uso constante, pervasivo e ubíquo das TICs pelos usuários.

#### **a. A Personalização como resultado da Bolha Informacional e da Informação Fragmentada**

Para explicar toda a complexidade da formação de pontes e ligações na rede mundial de computadores, entende-se que todo este cenário que vem se estabelecendo advém do que é denominado de bolha dos filtros ou bolha informacional<sup>31</sup>. A bolha informacional surge da junção dos mecanismos de busca e seus filtros com os mecanismos de previsão, os quais “criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir”. Estes mecanismos “criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolhas dos filtros – que altera constantemente o modo como nos deparamos com ideias e informações”<sup>32</sup>.

As bolhas informacionais vão até os usuários criando um “... lugar confortável, povoado por nossas pessoas, coisas e ideias preferidas.”<sup>33</sup> Nasce assim o conceito de segmentação de dados que estrutura a formação do conceito de informação fragmentada por meio da oferta de informações direcionadas que podem ser controladas em casos de estados totalitários. Neste contexto, a segmentação de dados ocorre com o interesse de ‘segmentar’ o que pode ou deve circular nas redes e, ainda, fragmentar a infor-

---

31 PARISER, 2012, p. 15.

32 PARISER, 2012, pp. 14-15.

33 PARISER, 2012, p. 15.



mação de modo a não se ter o todo, mas somente as partes da informação que pode ou deve circular nas redes.

A informação fragmentada está diretamente ligada às características da Internet, as quais fornecem um cenário composto pelas noções de alcance global com integridade e acessibilidade universal, possibilitando inovação sem permissão<sup>34</sup>. Assim, a informação fragmentada é resultado da aplicação de sistemas de informação dispersos e heterogêneos, que estão sendo projetados de forma independente por diferentes empresas, a fim de aperfeiçoar individualmente a informação desejada por cada um dos usuários a partir de implementação de processos específicos com base no conjunto de dados de cada usuário. Eis o interesse dos estados totalitários, tratar não cada usuário, mas a nação como um grande usuário.

Pode-se discutir tanto a fragmentação da Internet quanto a fragmentação na Internet, entendendo diferentemente cada uma destas categorias<sup>35</sup>. Fragmentação da Internet ou a fragmentação advinda das infraestruturas físicas e lógicas que suportam a Internet em si. E, fragmentação na Internet ou a fragmentação que ocorre no ciberespaço e nas transações efetivadas por meio da Internet.

Levando em consideração estas categorias de fragmentação, explica-se que a fragmentação pode, inicialmente, referir-se à disseminação da censura, bloqueio, filtragem e outras limitações de acesso por governos e Estados, bem como à plataformas proprietárias e modelos de negócios que, em certa medida, impedem os usuários finais de criar, distribuir e acessar livremente informação<sup>36</sup>. Mas, na verdade, a fragmentação a que os autores se referem é mais ampla do que isto, visto que a Internet não capta, por si só, como as pessoas usam e experimentam a tecnologia para construir formações sociais digitais e engajarem-se em informações, comunicações e transações comerciais ou, até mesmo, os tipos de forças políticas e econômicas que influenciam as pessoas a desenvolver algo na Internet<sup>37</sup>.

A Internet fragmentada também possibilita e, ao mesmo tempo, exige requisitos de localização de seus usuários<sup>38</sup>. Tudo que o usuário faz está

---

34 DRAKE et al., 2016, pp. 11-12.

35 DRAKE et al., 2016, p. 03.

36 DRAKE et al., 2016, p. 07.

37 DRAKE et al., 2016, p. 10.

38 DRAKE et al., 2016, p. 41.

diretamente associado ao local, ou seja, onde aquela imagem foi capturada ou onde um determinado usuário fez uma consulta sobre um determinado produto, se em casa, no trabalho ou na rua. Nos estados totalitários saber quem faz, o que faz e onde faz eleva os níveis de controle e vigilância.

Entende-se, portanto, que as bolhas informacionais estão associadas à informação fragmentada a partir da Internet que também é fragmentada, uma vez que o usuário nunca terá em mãos a real totalidade de dados e informações disponíveis via Internet, mas sim o que lhe cabe em sua bolha única e personalizada. O maior risco está nos estados totalitários criarem e estabelecerem a bolha informacional como nação, fragmentando a informação a ponto de segmentar os dados dos usuários para controle e vigilância do que tais usuários realizam na Internet.

E, portanto, a personalização faz com que as pessoas criem muitas ligações, mas poucas pontes, fazendo com que cada usuário se torne mais semelhante àqueles que lhe são próximos. Neste contexto, a Internet é o espaço que reforça a criação de capital de ligação. O uso pervasivo e ubíquo das TICs favorece a formação de ligações e não de pontes.

## 5. As TICs e seus reflexos no entender do Público e do Privado

Considerando-se o exposto, tem-se que a Internet se configura como espaço que favorece a formação do capital de ligação e, para tanto, existem diversos reflexos no entender do público e do privado. Dentre estes reflexos, foram selecionados 03 (três) importantes pontos de análise, a saber: a) reflexos nos espaços e a mudança de entendimento do espaço-tempo; b) reflexos no entender do público e do privado na perspectiva digital; c) reflexos na personalização do usuário *versus* fragmentação da informação como suporte para o individualismo.

### 5.1 Reflexos nos espaços e a mudança de entendimento do espaço-tempo

As palavras de ordem da sociedade contemporânea são velocidade, mobilidade e acessibilidade. Não se pode imaginar um mundo sem a tecnologia, visto que ela está presente em todos os momentos, em todos os lugares. Fronteira, presença, matéria, território, distância, tempo e informação são palavras que mudaram seus próprios significados nas últimas décadas, principalmente no século XXI.

As empresas e as pessoas trabalham, vivem e se desenvolvem sem perceber que os países não possuem fronteiras no mundo digital. Pode-se adquirir um produto sentado em uma praça pública por meio de um *site* que não se sabe onde está hospedado, sendo que o produto comprado pode vir de uma terceira localidade ainda mais desconhecida. A Internet, a partir da década de 1990, vem tornando o mundo cada vez menor, mais acessível, mais veloz, sem fronteiras, sem território demarcado, sem identificação e com noção de tempo diferenciada.

Não cabe ao usuário, da Internet e dos sistemas informatizados de um modo geral, preocupar-se com todos estes detalhes. O que interessa é realizar o objetivo em poucos cliques do *mouse* ou por meio da escolha de opções em *menus* devidamente preparados para a aplicação em questão, seja esta uma compra *on-line* (*e-commerce*), um acesso para verificar o saldo da conta corrente (*e-banking*) ou, simplesmente, trocar mensagens (*e-mail*) ou postar fotos em redes sociais (*social networking*). É a tecnificação da vida social já mencionada anteriormente.

Outra palavra pode então ser integrada à realidade atual, qual seja: a inteligência. Vive-se em um mundo de cartões inteligentes (*smart card*), celulares inteligentes (*smartphone*) e sistemas artificiais inteligentes (*Artificial Intelligence* - IA). Como exemplos de sistemas inteligentes, pode-se citar: sistemas de reconhecimento facial, sistemas inteligentes de trânsito, jogos de diversão (*video game*), sistemas de controle de qualidade, entre outros.

Nesse cenário, cabe mencionar a Computação Ubíqua, a Computação Pervasiva e, ainda, a Inteligência Ambiental<sup>39</sup>.

A Computação Ubíqua descreve a presença direta e constante da Informática e da tecnologia na vida das pessoas, em suas casas e ambientes de convívio social, tem-se que:

Computação Ubíqua se beneficia dos avanços tecnológicos de ambos os ramos de pesquisa e permite uma nova perspectiva para a Computação Móvel, no sentido em que os dispositivos móveis e os seus serviços tornaram-se disponíveis e ubíquos, permitindo o acesso a redes de informação seguras. Resumidamente, a Computação Ubíqua permite que a computação se desloque para o exterior dos locais de trabalho e dos computadores pessoais e a torne

---

39 WEISER, 1991; WEISER, 1993; MOUTINHO, 2010.

pervasiva no quotidiano, ou seja implica que a computação esteja inserida no ambiente de forma invisível para o utilizador)<sup>40</sup>.

O objetivo da Computação Ubíqua é integrar totalmente a relação tecnologia/máquina com os seres humanos, de forma tal que seja invisível, no sentido de automático (utilizar sem perceber). Os computadores passam a fazer parte da vida das pessoas de tal maneira que se tornam ‘humanos’, com seus sistemas inteligentes, que os tornam onipresentes<sup>41</sup>.

Ao se ampliar esta análise, percebe-se que a tecnologia está embutida nos automóveis (carros que podem estacionar de maneira autônoma), nos eletrodomésticos (geladeiras que permitem o acesso à Internet), nos móveis (janelas e portas que abrem ou fecham por controle remoto ou quando devidamente programados para fazê-lo) e, até mesmo, nas roupas (tecidos que protegem a pele dos raios ultravioleta, hidratam a pele, previnem doenças ou picadas de insetos ou, ainda, controlam a temperatura do corpo) e etiquetas (contendo informações sobre produtos e podendo ser consultadas por *Radio Frequency Identification* – RFID).

O termo ‘ubíquo’ é usado para explicar que não somente os computadores estarão presentes em qualquer lugar, mas toda a área de computação estará agregada às estruturas básicas e fundamentais da vida do ser humano<sup>42</sup>. Assim, a Computação Ubíqua não existe sem a Computação Pervasiva: “os meios de computação estão distribuídos nos diferentes ambientes do utilizador de forma perceptível ou imperceptível”<sup>43</sup>. Para que isto aconteça, a Computação Pervasiva lança mão da Computação Móvel, a qual é “centrada na capacidade de um dispositivo computacional ser carregado ou transportado, mantendo uma ligação activa à Web”<sup>44</sup>. Ou seja, necessita-se de dispositivos com sistemas embarcados ou embutidos (*Embedded Systems*)<sup>45</sup> para que tudo esteja disponível ou à mão. Desta forma, Computação Ubíqua é o resultado da interseção entre Computação Pervasiva e Computação Móvel, considerando-se a combinação entre o alto grau

40 MOUTINHO, 2010, p. 10.

41 ROLLINS, 2001, p. 14.

42 MOUTINHO, 2010, p. 12.

43 MOUTINHO, 2010, p. 10.

44 MOUTINHO, 2010, p. 10.

45 É um sistema micro processado no qual o computador é totalmente encapsulado ou dedicado ao dispositivo ou sistema que ele controla.

de dispositivos embarcados pervasivos e o alto grau de mobilidade destes dispositivos<sup>46</sup>. Outras palavras de ordem podem, então, ser associadas à realidade atual, quais sejam: interconectividade e interoperabilidade, características que facilitam a troca de informações entre ambientes computacionais e dispositivos.

Sabe-se que “o desaparecimento é uma consequência fundamental da psicologia humana e não da tecnologia”<sup>47</sup>, de modo que as pessoas absorvem informação sem perceber necessariamente a fonte ou o modo como fazem isto, sendo que ao se aprender bem algo que era ‘novo’ passa-se a não mais estar atento a isto ou, ainda, não mais estar ciente de que este algo era ‘estranho’ ao conhecimento próprio de cada um. Ou seja, quanto mais profunda for uma tecnologia mais ela tende a desaparecer e ser assimilada de modo que se torne tão integrada, tão adaptada e natural que seu uso passa despercebido.

Neste contexto, a Inteligência Ambiental tem por objetivo “desenvolver espaços inteligentes que se adaptam aos interesses, necessidades e desejos das pessoas que utilizam esses ambientes, ajudando-os a executar tarefas referentes ao seu cotidiano, como o trabalho, o lazer ou o entretenimento”<sup>48</sup>. Tudo se coaduna de forma a criar um ambiente confortável, no qual a tecnologia é imperceptível e, ainda, os dispositivos são inteligentes. Por exemplo, ao se entrar em uma sala de reuniões, o ambiente pode reconhecer quem são as pessoas que ali estão chegando e providenciar chá ou café, com açúcar ou adoçante, de acordo com o gosto pessoal de cada um. Tudo isto é possível considerando-se os sistemas computacionais de reconhecimento de face dos usuários, indo além, e consultando um conjunto de características da personalidade de cada indivíduo em bancos de dados, permitindo a melhoria do dia a dia das pessoas<sup>49</sup>.

Novamente há que se mencionar o paradigma denominado ‘*everyware*’, o qual se relaciona com a Computação Ubíqua. Eis aqui o paradigma que norteia o desenvolvimento de um meio ambiente digital que congrega ubiquidade, pervasividade e inteligência, sendo o elemento de ligação

---

46 ARAUJO, 2003, p. 51.

47 WEISER, 1991, p. 94. Texto original: “*Such a disappearance is a fundamental consequence not of technology, but of human psychology*”.

48 MOUTINHO, 2010, p. 11.

49 MOUTINHO, 2010, p. 13.

formado pelo conjunto de dados veiculados, capturados, tratados e armazenados. Na visão de Schwab, vive-se a “Quarta Revolução Industrial”, uma vez que três razões sustentam tal revolução: velocidade, amplitude e profundidade e, por último, impacto sistêmico. O autor explica que as mudanças estão ocorrendo em um ritmo exponencial e não linear, como tradicionalmente se busca descrever e entender a tecnologia. Além disto, a combinação de várias tecnologias (multiplataformas, multitarefas, entre outros) e a transformação de sistemas inteiros (desde países até empresas) “não está modificando apenas o ‘o que’ e o ‘como’ fazemos as coisas, mas também ‘quem’ somos”<sup>50</sup>.

É neste contexto de transformação que vive-se: a) a despersonalização da presença obrigatória das pessoas nos lugares: pode-se estar presente digital ou virtualmente e até mesmo por meio de um avatar ou persona criada a partir de si mesmo; b) a desmaterialização dos documentos: não é mais necessário existir “no papel” para ser considerado material; c) a desterritorialização, permitindo a troca instantânea de dados: não existem fronteiras ou territórios demarcados na Internet, visto que o ambiente digital não possui fronteiras geográficas, físicas, idiomáticas, ideológicas; d) a modificação do tempo, visto não existir lapso temporal entre as ações dos usuários: tudo é instantâneo ou até mesmo atemporal, uma vez que há que se carimbar (*timestamp*<sup>51</sup>) com datas e horários aquilo que é realizado em ambiente digital.

### **a. Reflexos no entender do público e do privado na perspectiva digital**

Conforme já afirmado, vive-se hoje a era da conexão e da mobilidade, as novas tecnologias ressignificam a noção de distância, proximidade e mobilidade também entre os espaços público e privado. A própria compreensão da distinção entre público e privado se altera.

Um dos reflexos desta indistinção remete à virtualização/digitalização da vida atual, especialmente pelas redes sociais, o que mostra o empenho atual do indivíduo em fazer-se notar, em tornar pública a sua própria individualidade/privacidade, como se visibilidade pudesse trazer reconheci-

50 2016, p. 13.

51 Marca temporal, estampa de tempo ou *timestamp* é um conjunto de caracteres que sinalizam a hora e/ou data em que certo evento ocorreu.

mento. Vive-se a era da exposição, na qual fazer-se notar implica em existir. As redes sociais dão amplos exemplos desta renúncia à privacidade. O fenômeno da publicização da vida privada, contribui, assim, para a crescente indistinção das esferas, outrora mais definidas, do público e do privado. Conforme este pensamento é possível compreender que,

[o] campo dos *media* passou a explorar os cenários proporcionados pela privacidade, colonizando o espaço público com discussões sobre subjetividades individuais. O privado passou a ter o seu espaço no mundo da informação e do entretenimento e as estórias que antes pertenciam ao domínio da privacidade passaram a fazer parte do imaginário da colectividade. O *medium* converte o espaço privado em mercadoria, sobretudo se esse espaço privado oferecer produtos atractivos que despertem a curiosidade de um público consumidor de produtos culturais de carácter cada vez mais lúdico. É, justamente neste sentido, que o espaço privado, *to idion*, passa a ser objecto de consumo, numa lógica onde se estreitam as velhas fronteiras entre publicidade e privacidade<sup>52</sup>.

No espaço público contemporâneo a mídia informatizada facilitou o acesso a um número infindo de produtos simbólicos que intensificam a construção de uma identidade com vistas à aceitação e a conformidade<sup>53</sup>. Neste sentido, em relação ao *modus vivendi* interativo, o indivíduo atua de forma calculada, tentando despertar nos demais a resposta por ele pretendida.

Assim a partilha que se estabelece nestas interações digitais pode não significar necessariamente compartilhamento, mas, ao contrário, isolamento e fragmentação, quando não a formação de bolhas virtuais que não produzem interação, pelo menos, não com ideias diferentes que possam levar à reflexão e construção de consensos. Os indivíduos tornam-se prisioneiros de suas próprias subjetividades e a capacidade de estar presente fisicamente, ver e ouvir o outro se torna cada vez mais complexa.

Bauman<sup>54</sup> reflete sobre o esvaziamento do espaço público e destaca que o sentimento de insegurança e risco, próprios da modernidade líquida, especialmente em uma sociedade de hiperinformação, contribui para um

---

52 CARVALHEIRO; PRIOR; MORAIS, 2013, p. 108.

53 CARVALHEIRO; PRIOR; MORAIS, 2013, p. 106.

54 2001.

crescente processo de individualização prejudicial à esfera pública, que deveria ser um espaço de construção e compartilhamento de interesses comuns. Este amplo processo de individualização acaba tornando o espaço público uma espécie de teatro dedicado à diversão ligeira e superficial.

Nesse sentido, a afirmação de Tocqueville, de que o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, torna-se um alerta para a ideia de que o cidadão, no espaço público, busca atender a um interesse coletivo, não obstante, na sociedade moderna o indivíduo se contraponha ao cidadão, visto que se fixa apenas em seus interesses próprios, colonizando desta forma o espaço público:

Se o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, e se a individualização anuncia problemas para a cidadania e para a política fundada na cidadania, é porque os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos enchem o espaço público até o topo, afirmando-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo mais do discurso público. O “público” é colonizado pelo “privado” o “interesse público” é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos, melhor). As “questões públicas” que resistem a essa redução tornam-se quase incompreensíveis<sup>55</sup>.

Neste sentido o privado coloniza o espaço público, e este passa a ser não mais do que uma tela em que as aflições privadas, de toda ordem, são projetadas, tornando o espaço público um mero espaço de confissão de segredos e intimidades, sem qualquer tipo de possibilidade de construção coletiva da realidade e de fins coletivos a serem perseguidos. Nas palavras de Bauman:

E assim o espaço público está cada vez mais vazio de questões públicas. Ele deixa de desempenhar sua antiga função de lugar de encontro e diálogo sobre problemas privados e questões públicas. Na ponta da corda que sofre as pressões individualizantes, os indivíduos estão sendo, gradual mas consistentemente, despedidos da armadura protetora da cidadania e expropriados de suas capacidades e interesses de cidadãos<sup>56</sup>.

---

55 BAUMAN, 2001, p. 43.

56 2001, p. 46.



Assim, Bauman<sup>57</sup>, reflete sobre a perda do espaço público e privado tal como estabelecidos na estrutura antiga. Para o autor, ao se querer recuperar e renovar os desígnios da política ter-se-á de aprender a transformar problemas individuais em questões de ordem pública. Também, para o autor, o aumento da liberdade individual pode coincidir com o aumento da impotência coletiva em função de não terem sido construídas pontes entre a vida pública e a vida privada, visto que não é fácil traduzir questões pessoais em questões públicas. Na maior parte do tempo, as pessoas, nas redes sociais, estão mais preocupadas com questões que as alcançam pessoalmente sem a preocupação de criar interações capazes de definir questões de interesse coletivo. Para Bauman, a chance de alterar este cenário de apatia política depende da criação de um espaço público e privado ao mesmo tempo, a *Ágora*, no qual os problemas particulares se encontram de forma significativa. Nas suas palavras,

A chance para mudar isso depende da *Ágora* - esse espaço nem privado nem público, porém mais precisamente público e privado ao mesmo tempo. Espaço onde os problemas particulares se encontram de modo significativo - isto é, não apenas para extrair prazeres narcisísticos ou buscar alguma terapia através da exibição pública, mas para procurar coletivamente alavancas controladas e poderosas o bastante para tirar os indivíduos da miséria sofrida em particular; espaço em que ideias podem nascer e tomar forma como 'bem comum', 'sociedade justa'; ou 'valores partilhados'<sup>58</sup>.

A excessiva subjetivação da vida e personalização do indivíduo nas redes virtuais não favorece a criação de pontes, de espaços compartilhados nos quais os valores possam resultar de uma construção conjunta. Tais dificuldades do cidadão e usuário das redes sociais, tal esvaziamento do espaço público, apontado por Bauman<sup>59</sup>, tem por base a vida pessoal desmedida e, paralelamente, a vida pública esvaziada, ambas tratadas por Richard Sennett<sup>60</sup>, visto que se corre o risco do narcisismo, do não saber lidar com sentimentos humanos, de personalizar a política, de tornar a

---

57 2000, p. 08.

58 2000, p. 09.

59 2001.

60 2014.

intimidade mestra da vida e do retrair de uma cultura cosmopolita em micro-comunidades bairristas.

Deve-se ter em mente que o ambiente de análise de Sennett é a década de 70, o ambiente da guerra fria, a qual deixou reflexos positivos e negativos na economia, na ciência, na medicina e em diversas outras áreas. Entende-se que todos estes riscos se tornam reais e palpáveis quando a vida social se faz pelas redes virtuais e não mais *face-to-face*, de modo que a pessoa, cidadão e usuário da Internet parece viver num mundo, tal qual descrito pelo autor como “impessoal, rançoso e vazio”<sup>61</sup>.

Pode-se, portanto, estabelecer uma conexão com o tema tratado no presente artigo diante do autor apontar para o prejuízo de uma confusão entre vida pública e privada em que os assuntos pessoais são levados a público, tornando íntimo também o domínio público. Eis aqui o real e palpável risco e, por vezes, a existência nas redes sociais. Sennett<sup>62</sup> comenta sobre a morte do espaço público na medida em que a cultura do narcisismo vai avançando no interior da cultura social. E as bolhas informacionais e a fragmentação da Internet atuam no sentido de exacerbar a personalização dos usuários da Internet. Assim, o esvaziamento da esfera pública baseia-se na hipervalorização da intimidade, da privacidade, do retraimento e do silêncio, sendo estes elementos também formas de se manter alheio à sociedade, uma vez que as pessoas passaram a estar em público e ao mesmo tempo sozinhas, “a relação entre palco e rua estava agora invertida”<sup>63</sup>. Portanto, a conjunção de todos esses elementos resulta em um esvaziamento da expectativa de que o *ciberespaço* possa se constituir como uma nova *Ágora*.

### **b. Reflexos na personalização do usuário versus fragmentação da informação como suporte para o individualismo**

Foi analisado anteriormente que a personalização voltada aos usuários da Internet resulta da associação entre bolha informacional e informação fragmentada. A partir deste entendimento, pontua-se que: “Se a personalização for excessiva, poderá nos impedir de entrar em contato com experiências

---

61 SENNETT, 1999, p. 04-06.

62 1999, p. 30.

63 SENNETT, 1999, p. 270.

e ideias estonteantes, destruidoras de preconceitos, que mudam o modo como pensamos sobre o mundo e sobre nós mesmos”<sup>64</sup>.

A formação de um hipertexto personalizado já foi questionada a partir de “expressões culturais multimodais recombinadas em novas formas e com novos significados”<sup>65</sup>. Castells afirmou também que a “sociedade em rede” induz “ao individualismo estrutural e a experiências sociais cada vez mais diferenciadas”<sup>66</sup>, de modo que os usuários terão cada vez mais dificuldade para encontrar uma linguagem comum e um significado comum, frente a um hipertexto pessoal cada vez mais individualizado.

Se Hannah Arendt considerava que “a presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos nos assegura da realidade do mundo e de nós mesmos”, Pariser afirma que “a vigilância do governo é aleatória, e isso cria a sensação de que eles estão observando tudo”<sup>67</sup>. Arendt não se referiu especificamente à vigilância do governo, mas se referiu ao que é público, ou seja, aquilo que nos dá a segurança de estar inserido em um todo, em algo maior, a sociedade.

O problema recai sobre a possibilidade de, a partir das bolhas informacionais, da personalização e da fragmentação da informação, ter-se uma verdade manipulada. Eis a explosão das *Fake News*.

Castells mostra que a Internet funciona como suporte material ao individualismo e à formação de “laços débeis”, ou seja, relações não duradouras, de modo que as pessoas “ligam-se e desligam-se da rede, mudam de interesses e não revelam necessariamente a sua identidade”<sup>68</sup>. Isto corrobora o pensamento de Pariser sobre as pessoas estabelecerem ligações e não pontes. As ligações não são duradouras, o que é duradouro, de acordo com a análise de Castells, é o fluxo, ora de dados, ora de usuários, ora de interesses. E assim o individualismo se constrói e se reforça de modo a serem formados grupos baseados em seus interesses, valores, afinidades e projetos. E estes grupos, que existem no *ciberespaço*, influenciam a vida real que possui lugar físico, ou seja, um lugar que detém o inverso das características de despersonalização, desmaterialização, desterritorialização, temporalidade.

---

64 PARISER, 2012, p. 19.

65 CASTELLS, 2007, p. 240.

66 2007, pp. 241.

67 2012, p. 125.

68 2007, p. 160.

Castells aponta que “como o nível de compromisso exigido é relativamente baixo, as formas de apoio social podem resultar um tanto frágeis”<sup>69</sup>. O que é corroborado pela formação de laços débeis e pelo capital de ligação e, não, por pontes. Para o autor, corre-se o risco de se “acentuar a dissolução das instituições sociais e a crise da participação da cidadania”<sup>70</sup>. Aqui tem-se o colapso da base do entendimento e reconhecimento do público, o agir do cidadão em prol do bem comum e não somente de seus interesses, valores, afinidades e/ou projetos.

Ainda, no mesmo sentido, as bolhas informacionais, o excesso de personalização e a fragmentação da informação levarão ao que foi denominado de determinismo informativo, “no qual aquilo que clicamos no passado determina o que veremos”, de maneira que o passado determina o presente e influi no futuro<sup>71</sup>. Na verdade, o autor afirma ainda que: “com isso ficamos presos numa versão estática, cada vez mais estreita de quem somos – uma repetição infundável de nós mesmos”<sup>72</sup>. Fecha-se, assim, em si mesmo o ciclo da individualidade, do privado, das ligações e não das pontes, dos laços débeis sem compromisso e, portanto, perde-se o significado do público.

## 6. Conclusão

Os seguintes questionamentos nortearam este trabalho de pesquisa: a) Os espaços privados e públicos parecem cada vez mais uma “Torre de Babel” em um mundo globalizado? b) Ou cada vez mais distantes frente às novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)? c) Como colocar o público acima do privado se os usuários da Internet criam mais ligações do que pontes? d) As TICs favorecem a personalização excessiva e o não conhecer dos outros?

O desenvolvimento da pesquisa permitiu encontrar um caminho para delinear as respostas tendo por base os pensamentos e estudos de Arendt, Castells, Pariser. Arendt forneceu a visão maior da teoria política, mais especificamente sobre os espaços privado e público. Castells agregou o en-

---

69 2007, p. 163.

70 2007, p. 163.

71 PARISER, 2012, p. 20.

72 PARISER, 2012, p. 20.

tendimento sobre a sociedade em rede e Pariser trouxe os aspectos técnicos das bolhas informacionais e da personalização do uso da Internet. Entraram em cena também, Bauman e Sennett, contribuindo, o primeiro com aspectos da modernidade e vigilância líquidas e, o segundo, com a noção de vida pública esvaziada estando a pessoa, cidadão e usuário da Internet a viver num mundo “impessoal, rançoso e vazio”.

O artigo apresenta então como resposta a tais questionamentos, que, sim, os espaços privado e público se assemelham a uma “Torre de Babel” quando o cenário é a Internet e a “sociedade em rede” formada pelos usuários e seus interesses, valores, afinidades e projetos. Consta-se que o espaço público somente pode ser construído pela ação e pelo discurso, ambos vinculados à pluralidade da existência humana. Este é o espaço político por excelência, é neste espaço que se manifesta a potencialidade de os homens agirem em conjunto. E esta Babel, propiciada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação, distancia o privado e o público a ponto de que os usuários somente vejam o privado, aquilo que lhes cabe e lhes interessa.

Neste cenário, a personalização voltada aos usuários da Internet resulta da associação entre bolha informacional e informação fragmentada, de modo que as pessoas criam mais capital de ligação do que de ponte. Fato que desfavorece o público. Cada usuário tende a se tornar mais semelhante àqueles que lhe são próximos. Neste contexto, a Internet é o espaço que reforça a criação de capital de ligação. O uso pervasivo e ubíquo das TICs favorece a formação de ligações e não de pontes.

A excessiva subjetivação destrói a diferença entre o público e o privado, visto que a projeção de critérios de validade não faz referência a uma esfera compartilhada de valores e significações, devido a ausência de interação entre os indivíduos. Reforça-se, tal qual Pariser<sup>73</sup> que “...são as pontes que criam nosso senso do que é ‘público’ – o espaço em que resolvemos os problemas que transcendem nosso nicho e nossos restritos interesses pessoais.” Há que se buscar por um uso das tecnologias capaz de romper este ciclo de personalização excessiva e tornar a exercer o todo, a ver o outro e o que é de todos: o público.

---

73 PARISER, 2012. p. 21.

## Referências

- ARAÚJO, Regina Borges. Computação ubíqua: princípios, tecnologias e desafios. *In: Anais do XXI Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores*, Natal, RN, 2003. p. 45-115.
- ARENDT, Hannah. A condição humana. (trad. Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer). 10 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo. (trad. Roberto Raposo), São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. Em busca da política. (trad. Marcus Penchel). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. (trad. Plínio Dentzien). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. Vigilância Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BOYD, Danah. Streams of content, limited attention: the flow of information through social media. *Expo Web2.0*, New York, NY: november 17, 2009. Disponível em: <https://www.danah.org/papers/talks/Web2Expo.html>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- CARVALHEIRO, José Ricardo, PRIOR, Hélder, MORAIS, Ricardo. Público, privado e representação online: o caso do facebook. *In: António Fidalgo, João Canavilhas (orgs.), Comunicação Digital-10 anos de Investigação*, Coimbra, Minerva Coimbra Edições, 2013.
- CASTELLS, Manuel. Reflexões sobre internet, negócios e sociedade (trad. Rita Espanha). 2ª. ed., Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2007.
- DRAKE, William J.; CERF, Vinton G.; KLEINWÄCHTER, Wolfgang. Internet fragmentation: an overview. World Economic Forum, Committed to Improving the State of the World, p. 1-77, 2016. Disponível em: [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_FII\\_Internet\\_Fragmentation\\_An\\_Overview\\_2016.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_FII_Internet_Fragmentation_An_Overview_2016.pdf). Acesso em: 16 abr. 2020.
- ECHEBURÚA, Enrique; CORRAL. Adicción a las nuevas tecnologías y a las redes sociales em jóvenes: un nuevo reto. *Adicciones*, vol. 22, n. 2, pp. 91-96, 2010.
- FREITAS, Cinthia Obladen de Almendra; PAMPLONA, Danielle Anne. Cooperação entre estados totalitários e corporações: o uso da segmentação de dados e profiling para violação de direitos humanos. *In: RUARO, Regina Linden; MANÁS, José Luis Piñar; MOLINARO, Carlos*

- Alberto (orgs.). *Privacidade e proteção de dados pessoais na sociedade digital*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017. p. 119-144.
- GREENFIELD, Adam. *Everyware: the dawning age of ubiquitous computing*. AIGA: New Riders, 2006.
- IANNI, Octávio. *Teorias da globalização*. 13<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, vol. 30, n. 1, pp. 71-81, jan./abr., 2001.
- MOUTINHO, Ana Maria. *Inteligência ambiente: contributo para a conceptualização de parede inteligente*. Lisboa, 2010. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Disponível em: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7277/2/ULFBA\\_tes%20392.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7277/2/ULFBA_tes%20392.pdf). Acesso em: 16 abr. 2020.
- PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. (trad. Diego Alfaro). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet: considerações iniciais. *E Compos*, vol. 2, pp. 1-23, 2005. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/view/28/29>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- ROLINS, Claudia Silva Villa Alvarez de Noronha. *Aplicações para computação ubíqua*. Programa de Mestrado, Departamento de Informática, PUC-Rio, 2001.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SCHWAB, Klaus. *A quarta revolução industrial*. (trad. Daniel Moreira Miranda), São Paulo: Edipro, 2016.
- TELLES, Vera da Silva. Espaço público e espaço privado na constituição social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. *Tempo soc.*, vol. 2, n. 1, pp. 23-48, 1990.
- TRUZZI, Gisele. *Redes Sociais e Segurança de Informação*. Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, 2015. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/artigo-redes-sociais-e-seguranca-da-informacao.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

WEISER, Mark. The computer for the 21st century, *Scientific American*, vol. 1, pp. 94-104, set., 1991.

WEISER, Mark. Ubiquitous computing, *Nikkei Electronics*, vol 6, pp. 137-143, dez., 1993. Disponível em: <http://www.ubiq.com/hypertext/weiser/UbiCACM.html>. Acesso em: 16 abr. 2020.

Recebido em 27 de janeiro de 2020.

Aprovado em 07 de abril de 2020.



**RESUMO:** O presente trabalho procura estabelecer a compreensão da interseccionalidade entre os espaços público e privado à luz das novas tecnologias de informação. Para tanto, utilizando-se do método de abordagem lógico-dedutivo em uma investigação de corte interdisciplinar com ênfase na pesquisa bibliográfica, partiu-se da perspectiva da separação entre espaço público e privado na Antiguidade Clássica, sob a ótica de Hannan Arendt, para compreender atualmente, na era da conexão e da mobilidade, como as novas tecnologias de informação interferem e redimensionam na compreensão destes espaços, fazendo com que se tornem cada vez mais tênues as diferenças entre os mesmos. O ciberespaço surge com a promessa de que os indivíduos pudessem recuperar sua voz e atuação por meio do uso das redes sociais, o que poderia ser a esperança de reconstrução de um novo espaço público. Não obstante, a possibilidade de interação e compartilhamento de significados entre os indivíduos, que seria essencial para tal reconstrução, parece não acontecer no uso que se faz do ciberespaço no mundo globalizado, tornando-o mais próximo à ideia de Torre de Babel. **Palavras-chave:** espaço público, espaço privado, cidadania, tecnologias de informação e comunicação

**ABSTRACT:** The article seeks to establish an understanding of intersectionality between public and private spaces based on new information technologies. For this, using the logical-deductive method in an interdisciplinary research with emphasis in the bibliographical research, it was started from the perspective of the separation between public and private space in Classical Antiquity, based on the perspective of Hannan Arendt, to understand today, in the age of connection and mobility, as new information technologies interfere and reshape the comprehension of these spaces, making the differences between them become increasingly tenuous. Cyberspace arises with the promise that individuals could recover their voice and performance through the use of social networks, which could be the hope of rebuilding a new public space. Nevertheless, the possibility of interaction and sharing of meanings between individuals, which would be essential for such a reconstruction, does not seem to occur in the use of cyberspace in the globalized world, making it closer to the idea of Tower of Babel.

**Keywords:** public space, private space, citizenship, information and communication technologies

**SUGESTÃO DE CITAÇÃO:** ROSSI, Amélia do Carmo Sampaio; FREITAS, Cinthia Obladem de Almendra. Releitura dos Espaços Público e Privado frente às TICS. *Revista Direito, Estado e Sociedade*, Ed. 60, 2022. DOI: <https://doi.org/10.17808/des.0.1343>.